

**(RE) LEITURAS DE *CHAPEUZINHO VERMELHO*:
O CONTO DE FADAS E A RECEPÇÃO DO LEITOR JOVEM**

Luan de Carlo Andrade¹
Carla Kühlewein²

RESUMO: Tendo como público-alvo o leitor jovem da fase inicial do Ensino Superior, esta pesquisa procurou investigar a recepção da leitura dos contos de fadas *Chapeuzinho Vermelho* que ele dispõe, levando em conta a importância que textos como este adquirem na dimensão pedagógica e nos aspectos que podem favorecer o desenvolvimento de um sujeito crítico reflexivo. O que leva a tal questionamento são interações sociais de que o indivíduo dispõe em uma rotina de leitura, influenciado pelos símbolos expressos nos contos de fadas. Para tanto esta pesquisa pautou-se na Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1979), em estudos sobre o conto de fadas, como o de Nelly Novaes Coelho (2000) e de Bruno Bettelheim (2002) e questões pertinentes acerca do papel formativo da literatura expostas por Antonio Candido (1972). A pesquisa de campo foi realizada com alunos de uma universidade pública ao Norte do Paraná com o objetivo de verificar o repertório de leituras e o horizonte de expectativas do leitor jovem universitário acerca do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho* (2012), nas versões de Perrault e Grimm, e a eventual ruptura dessa expectativa através da releitura *Uma Chapeuzinho Vermelho* (2012), de Marjolaine Leray (2012). A partir de revisão literária e pesquisa de campo, foi possível perceber que o conto de fadas clássico faz parte do arsenal de leituras do jovem universitário, porém a releitura de Leray (2012) tende a romper com o horizonte de expectativas desse leitor e com isso ampliar sua visão de mundo e contribuir significativamente para sua formação enquanto sujeito crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Conto de fadas. Chapeuzinho Vermelho. Leitor. Jovem. Recepção.

Leitor, formação e contos de fadas: questões prévias

O ensino no Brasil é marcado pela precariedade, não só da estrutura física, em muitos casos, como também da formação docente e do conteúdo abordado em sala de aula. Nessa perspectiva, o processo de aprendizagem de língua materna, muitas vezes, fica reduzido a um “atropelamento de matéria”, mais voltado à gramática, composto por um amontoado de provas e avaliações, deixando-se de trabalhar a leitura da literatura e os aspectos que formam o cidadão crítico reflexivo. Essa tendência tradicional de aprendizagem tende a ter continuidade inclusive na idade adulta.

¹ Graduando em Licenciatura em Letras (Português) na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* de Apucarana.

² Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *campus* de Assis. Professora no Curso de Letras (Português), na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *campus* de Apucarana.

Como sugere Antonio Candido (1972, p. 82), a literatura precisa ser considerada: “[...] como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.” Assim há espaço para a literatura na sala de aula somente quando se torna disciplina obrigatória, primeiro no Ensino Médio e posteriormente no Superior (no curso de Letras) com conteúdo estruturado acerca do estudo de autores e períodos literários. Mesmo assim é comum que ela se torne pretexto para atividades gramaticais, reduzindo-se o espaço da arte e da expressão humana a aspectos que poderiam ser abordados desde as primeiras leituras, quando ela muitas vezes sequer é contemplada.

Em se tratando dos contos de fadas, vale ressaltar que podem ser considerados como fonte humanizadora que vai além da alfabetização, pois necessitam que o leitor use a imaginação, sendo o público infantil e juvenil o que mais tem permitido aflorar esse campo, pois é principalmente nessas fases que a formação básica do indivíduo requer apoio e suporte. A sociedade costuma não reconhecer os contos de fadas sob essa perspectiva, o que se caracteriza um problema, pois, segundo Bettelheim (2002, p. 5),

[...] para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades; e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Para além disso, é preciso pensar ainda que os contos de fadas têm ressurgido (ou talvez jamais tenham sido esquecidos) em versões cinematográficas, impressas ou mesmo pictóricas (há fotografos registrando crianças, jovens e adultos com as vestes de princesas e príncipes) com certa força, mesmo neste século, o que permite refletir sobre o porquê continuam fazendo parte do imaginário coletivo da humanidade, tal como pontua Coelho (2003, p.11): “E, no rastro desses interesses, também as fadas estão de volta, entrando não só nos lares, mas também nas escolas”.

Por esse motivo, esta pesquisa traz em seu *corpus* o conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho*, com enfoque no questionamento sobre sua consideração enquanto fonte de valores formativos, sendo a literatura escrita a que fornece maior intimidade do autor com o receptor, pois, segundo Coelho (2000, p. 15): “É ao livro, a palavra escrita, que atribuímos

a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças”. Nesse sentido, cabe a pergunta: de que forma os contos de fadas influenciam na formação do leitor jovem, etapa em que tais textos praticamente desaparecem, mas ficam, de alguma forma gravados na memória e fazem parte, de certa forma, da formação do ser humano, inclusive na juventude?

O ponto de partida para tal observação está nos símbolos contidos nos contos de fadas, lidos e relidos há séculos e, portanto, transmitidos por uma tradição oral e escrita antiga, os quais influenciam na formação do indivíduo e auxiliam-os na conscientização de sua condição humana. Assim, tem-se como foco o conto *Chapeuzinho Vermelho*, em especial as personagens centrais (Chapeuzinho e Lobo), que simbolizam, cada qual, a dicotomia entre o bem e o mal, nas versões dos irmãos Grimm, de Perrault e na contemporânea *Uma chapeuzinho vermelho*, de Marjolaine Leray (2012).

Utilizando com pilar teórico a Estética da Recepção, proposta por Jauss (1979), esta pesquisa tem como finalidade compreender como o leitor constrói o significado do valor contido no conto de fadas, durante a leitura do texto escrito, tendo em vista que é uma abordagem metodológica diferenciada para o ensino da literatura, sugerida, inclusive pelas Diretrizes Curriculares Estaduais (2013).

Tendo em vista que essa teoria compreende o leitor como essência do processo dialógico com o texto, esperou-se que a pesquisa em questão, enfim, pudesse contribuir para a ampliação da experiência leitora vivenciada pelos leitores jovens recém ingressos na universidade e fosse assim ponte alternativa para se refletir sobre o papel da literatura.

O presente trabalho teve como objetivo geral verificar a recepção do aluno no primeiro ano ingressante no Ensino Superior acerca do conto *Chapeuzinho Vermelho*, nas versões clássicas (Grimm e Perrault) e sua releitura contemporânea, publicada no livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray (2012). A seleção desse nível de ensino se deu pelo fato de se acreditar que envolve alunos com formação mais próxima do Ensino Médio, período em que a literatura passa a ser uma disciplina do currículo, e que, por esse motivo, possuem senso crítico para avaliar sua formação leitora sob a perspectiva da formação do conto de fadas.

Tal proposta segue com objetivos específicos de refletir sobre o papel formativo dos contos de fadas, a partir das reflexões propostas por Nelly Novaes Coelho (2003) e Bruno Bettelheim (2002); sobre o papel formador da literatura e a compreensão de como se dá a

recepção da obra literária pensando na detecção do horizonte de expectativas do leitor jovem diante do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*, sob a perspectiva da Estética da Recepção, de Jauss (1979) e ainda buscar o rompimento do horizonte de expectativas do leitor, a partir da releitura de Leray (2012).

O passo seguinte foi a realização da pesquisa de campo, com alunos do Ensino Superior do 1º ano de uma universidade pública no interior do Paraná, no período de quinze dias, no mês de abril, durante duas aulas de 50 (cinquenta) minutos cada, em horário regular, com intervenção prévia, no intuito de se compreender o repertório de leitura dos pesquisados e sua recepção acerca dos textos propostos.

Para tanto voltou-se a pesquisa para duas teses (dentre as sete) da Estética da Recepção, que validam a experiência do leitor com o texto, sendo elas a *detecção* e a *ruptura* do horizonte de expectativas. Conforme pontua Jauss (1979, p.73): “Para a análise da experiência do leitor ou da ‘sociedade de leitores’ de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor”.

Nesse sentido, a pesquisa de campo foi realizada em duas etapas: determinação do horizonte de expectativas, partir das versões clássicas de *Chapeuzinho Vermelho* e rompimento do horizonte de expectativas, através da releitura *Uma Chapeuzinho Vermelho*. Essa estratégia metodológica mostrou-se como alternativa eficaz para se compreender o papel formativo dos contos de fadas, visto que o leitor é a referência mais importante no processo de interação entre ele, o texto, o próprio autor. Dessas etapas resultaram as considerações pontuais sobre esta pesquisa, a qual pôde considerar aspectos importantes, como a bagagem de livros lidos e o espaço que o campo escolar ofereceu para a abordagem dos valores imersos nos contos infantis.

Dessa forma, nas análises da recepção dos alunos, levou-se em conta a formação que o aluno demonstrou ter a partir do conto de fadas em questão, com base na Estética da Recepção, proposta por Hans Robert Jauss, e a metodologia de Bordini e Aguiar (1993). Vale lembrar que as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE) sugerem a adoção do Método Receptivo, proposto por Bordini e Aguiar (1993), tendo como objetivo a ampliação do horizonte de expectativas do leitor, apoiado na teoria da Estética da Recepção.

1 A recepção e a formação do leitor do conto de fadas

Hans Robert Jauss (1994), por meio da Estética da Recepção, fez uma crítica à maneira como a teoria literária vinha abordando a história da literatura, considerando os métodos de ensino, até então, tradicionais e propondo reflexões sobre eles. Sua crítica baseava-se no fato de que, em sua forma habitual, a teoria literária ordenava as obras de acordo com tendências gerais; ora abordando as obras individualmente em sequência cronológica, ora “seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema de ‘vida e obra’” (JAUSS, 1994, p.6). Nesse sentido, o teórico pontua:

A qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade. (JAUSS, 1994, p.8)

A Estética da Recepção tinha o objetivo de unir história e estética, para tanto apresentava sete teses, sendo elas, de acordo com Bordini e Aguiar (1993):

1ª) *Determinação do horizonte de expectativas*: fase em que se determina a relação dialógica entre a obra e o leitor. Ao respaldar seu princípio metodológico para uma história literária baseada no leitor, A Estética da Recepção contempla o modo como a história apresenta o texto literário e como o leitor o compreende.

2ª) *Atendimento do horizonte de expectativas*: diz respeito ao horizonte de expectativas que pode ser definido como, sendo responsável pela primeira reação do leitor diante da obra, uma conclusão individual construída de acordo com os preceitos de sociedade que o leitor está inserido. Para Jauss (1994, p.28) a experiência literária do leitor pressupõe um “saber prévio”, que funciona como conjunto de saberes literários e da própria vida, “com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível”.

3ª) *Ruptura do horizonte de expectativas*: levando em conta que o horizonte de expectativa de uma obra pode ser reconstruído ou demarcado de forma objetiva, nesta tese, o teórico propõe a noção de distância estética, para se medir o caráter artístico de um texto. O afastamento entre o horizonte de expectativas já existente do leitor e o promovido pela literatura.

4ª) *Reconstrução do horizonte de expectativas*: propõe a relação entre o texto e seu período de publicação, em dois tempos distintos: passado e presente. Segundo o teórico,

a reconstrução do horizonte de expectativa de uma obra é aspecto fundamental para a construção do sentido.

5ª) *Ampliação do horizonte de expectativas*: contempla a recepção da obra frente a leituras anteriores. Segundo Jauss (1994), não se trata apenas de considerar a sucessão de obras no interior de um sistema, pois seu lugar não pode ser determinado apenas pela sua recepção inicial, é preciso ampliar essa perspectiva.

6ª) *Recepção no momento de sua produção*: deve oportunizar a análise da articulação entre as diversas obras produzidas numa mesma época e que provocaram ou não novos horizontes de expectativas ao leitor.

7ª) *Visão crítica quanto à leitura da obra em questão e quanto à leitura de obras posteriores*: a sétima e última tese corresponde à função social das criações literárias oportunizando ao leitor novas possibilidades de experiências estéticas através da construção e reconstrução de novos conceitos e novos olhares sob uma mesma obra. Para o autor, a distância entre história e literatura e entre estética e história pode ser diminuída quando a história literária é capaz de atingir a função emancipadora da literatura, que, ao transformar percepções da vida, é capaz de propor novas formas de vê-la e de relacionar-se como ela.

Explanasdas de forma breve as teorias que fundamentaram este estudo, é preciso, antes de expor os resultados da pesquisa de campo, compreender de forma mais detalhada o enredo das versões clássicas do conto selecionado para compor o *corpus*, sobretudo no que diz respeito a sua dimensão simbólica.

2 As versões de *Chapeuzinho Vermelho*

Em *A psicanálise dos contos de fadas*, Bruno Bettelheim (2002) mostra que os contos de fadas são ímpares, não só enquanto literatura, mas como obra de arte integralmente compreensível para a criança, como nenhuma outra forma de arte como é. O autor afirma ainda que o significado mais profundo dos contos de fadas será diferente para cada pessoa e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. Nesse sentido, ressalta que:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações;

reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002, p.5).

Essa perspectiva é fundamental para esta pesquisa, contudo, vale ressaltar que, apesar de o autor referir-se ao papel formativo da criança, isso pode ser estendido ao homem, de modo geral, já que a leitura dos contos de fadas acompanha o indivíduo por toda sua vida, fazendo parte não só de seu repertório de leituras na infância, mas também de suas experiências literárias durante toda sua vivência.

O conto *Chapeuzinho Vermelho* é tratado por Bettelheim (2002) como a história de uma menina inocente que é engolida pelo lobo no caminho até a casa de sua avó, tal fato, para ele, é marcante, pois mostra o ato consumado do mau, típico do conto de fadas. Em algumas versões há um salvador, o caçador, que a suaviza e a deixa com um final feliz.

Como uma das primeiras versões registradas, o teórico salienta a de Charles Perrault, que foi o primeiro a registrar esse conto, em francês, mais conhecido pelo título de *Capinha Vermelha (Le Petit Chaperon Rouge)*. Essa versão começa com a saída da menina para casa da vovó, passando pela floresta onde encontra o lobo, que chega à casa da vovó primeiro, devorando a vovó e depois à menina, assim se encerra o conto, sem final feliz.

Bettelheim (2002) aborda também outra versão mais conhecida nos dias atuais, a dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, *Chapeuzinho Vermelho (Rotkäppchen)* que consiste no acréscimo de variações a essa história, como a em que a menina e a avó se salvam juntas com astúcia, também em outra há a presença do caçador que tem o papel de herói, pois salva Chapeuzinho e a avó. Seja como for, a história, na versão alemã, termina com um final feliz e o mau vencido.

Bettelheim (2002) também analisa as representações que esse conto traz, como a visão de que o enfoque da versão de Perrault recai sobre a sedução sexual, enquanto na dos Irmãos Grimm dá-se o oposto. Na perspectiva psicanalítica, Chapeuzinho perdeu sua inocência infantil quando se encontrou com os perigos do mundo e trocou-os pela sabedoria que só os que passam pelas experiências ao longo do caminho possuem.

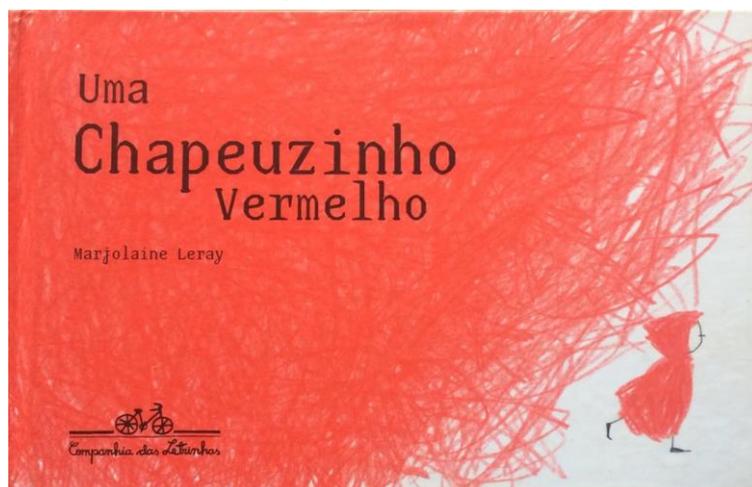
Em *O Conto de Fadas, símbolos mitos e arquétipos*, Nelly Novaes Coelho (2003) aponta como primeira coletânea de contos infantis da história, os *Contos da Mãe Gansa*, de

1967, escrito pelo poeta e advogado Charles Perrault, a qual reúne oito histórias recolhidas da memória do povo. Dentre elas a sua versão de *Chapeuzinho Vermelho*, que se inicia com a saída da menina da casa de sua mãe em direção à da avó, passando pelo bosque, onde encontra o Lobo, personagem que personifica o mau, com sua astúcia termina por devorar a avó e fazer tocaia, devorando a menina também, finalizando a história com uma moral para crianças e moças jovens.

Um século depois, na Alemanha, a partir de pesquisas realizadas pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, houve a expansão das histórias para Europa e Américas, com a coletânea que hoje é conhecida como *Literatura Clássica Infantil*. Segundo Coelho (2003), as versões dos contos, assim a de *Chapeuzinho Vermelho* de Grimm, foram influenciadas pelos ideais cristãos que se consolidavam na época. Por esse motivo os irmãos alemães retiraram partes do conto que continham violência ou maldade.

Já a versão de Marjolaine Leray (2012), *Uma Chapeuzinho vermelho* (2012), traz uma visão contemporânea da história. A menina dessa vez parece estar preparada para a astúcia e maldade do lobo, pois derrota com destreza o mau com a mesma perspicácia que esse animal nas versões clássicas.

Figura 1: Capa do livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray (2012)

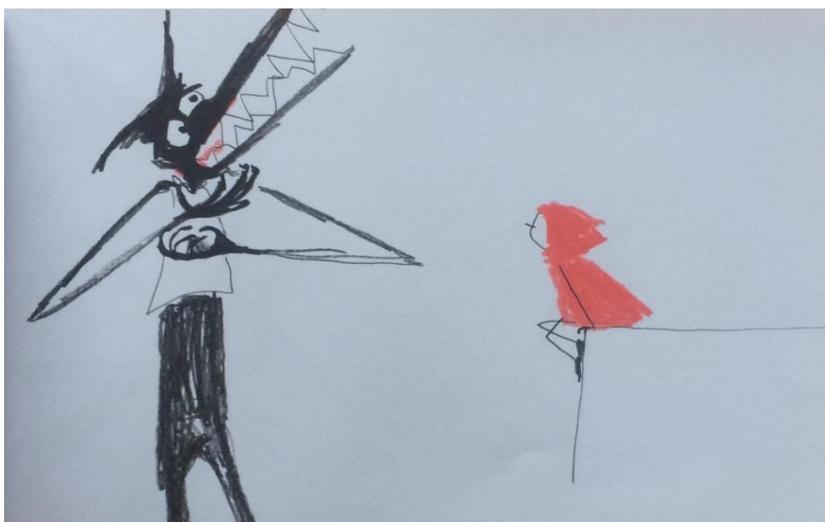


Fonte: Leray (2012): capa.

O livro se inicia com o encontro da protagonista, Chapeuzinho Vermelho, e seu archi-inimigo, o Lobo, pressupondo-se que o leitor já conheça o percurso que leva a ambos se encontrarem. O livro dinamiza a história clássica e surpreende com um final novo e original, em que a menina, além de vencer o mau, o faz sozinha.

Vale lembrar que a dicotomia entre o bem e o mal se mantém nas três versões, mas na versão de Leray (2012) o final é invertido: lobo > bom *versus* chapeuzinho > má (ela mata-o no final), conforme se observa na ilustração a seguir:

Figura 2: Cena do livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Leray (2012), em que o Lobo engole uma bala envenenada oferecida por Chapeuzinho



Fonte: Leray (2012, p. 32).

Nesta versão, Leray (2012) preserva algumas funções do conto maravilhoso, mas subverte outras, como tornar o encontro entre Chapeuzinho e o Lobo a situação inicial. Ao fazer isso, a autora exclui a necessidade das outras personagens da história, como o caçador, pois a menina resolve sozinha seu problema.

Dadas as dimensões que a releitura de Leray (2012) confere ao texto registrado por Perrault e Grimm, é importante constatar como tais textos são recebidos pelo jovem leitor que ingressa na Universidade e traz consigo não apenas um repertório de leituras mas também de expectativas acerca deles.

3 Chapeuzinho Vermelho e o jovem leitor

Para fins metodológicos, a pesquisa de campo foi realizada em duas etapas: 1ª) *determinação do horizonte de expectativas*: entrega de questionário aos alunos com perguntas relativas do seu repertório de leitura e percepção dos contos de fadas clássicos, em especial o de *Chapeuzinho Vermelho*, na versão clássica, seja ela de Perrault ou Grimm. O questionário foi entregue aos alunos antes do desenvolvimento da atividade em sala, sendo iniciado com os dados coletados no questionário, tais como: a versão mais conhecida desse

conto de fadas, procurando-se traçar o perfil do público leitor e sua percepção pessoal a respeito. 2ª) *rompimento do horizonte de expectativas*: aplicação de atividade na sala de aula, a partir da releitura *Uma Chapeuzinho Vermelho* de Marjolaine Leray (2012). Em seguida, aplicação de novo questionário, voltado para as percepções do leitor após o contato com a releitura, que, em tese, era nova a esse público.

A intenção, na etapa inicial da aula, foi retomar oralmente com os alunos a versão mais conhecida do conto *Chapeuzinho Vermelho*, de acordo com o que fosse apontado no questionário previamente aplicado. Em seguida foi-lhes apresentada a releitura de Marjolaine Leray (2012), em slides reproduzidos por *data show*, possibilitando a leitura integral da obra. Logo em seguida foi aplicado o segundo questionário, voltado para a comparação entre o conto clássico e sua releitura e as percepções dos alunos acerca disso.

A primeira etapa foi realizada no dia 3 (três) de Maio de 2019, com a turma do 1º ano do curso de Letras Português de uma universidade pública na região Norte do Paraná, na sala de aula, no horário da disciplina de Introdução à literatura, das 21h às 22h40m. Participaram dela 25 (vinte e cinco) alunos, tendo todos assinado previamente o termo de consentimento, o que indicou que 100% dos presentes na sala, na data da realização, assentiram à pesquisa.

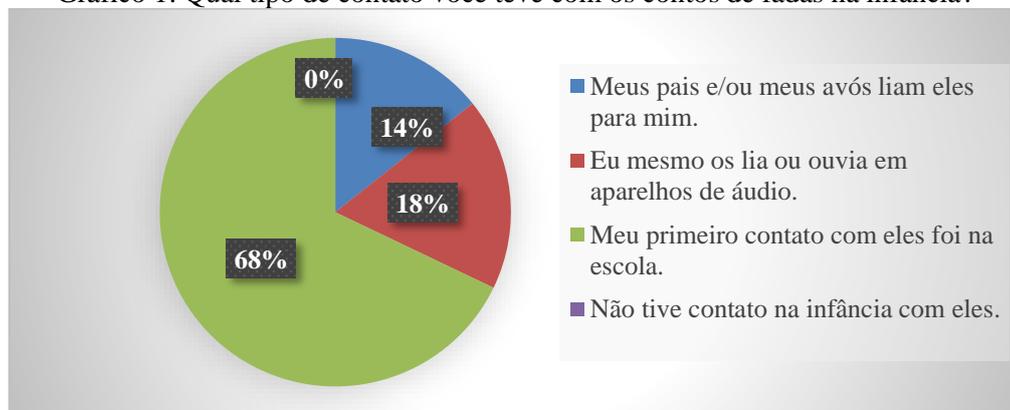
A maioria, 28 (vinte e oito) alunos, se declarou do sexo feminino, com idade entre 17 (dezesete) a 24 (vinte e quatro) anos, predominando a idade de 18 (dezoito) anos. De acordo com a Constituição, no art. 1º §1: “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos”, motivo pelo qual considera-se que esta pesquisa teve como foco o público jovem.

A apresentação da pesquisa se deu com enfoque em informar sobre a recepção do conto de fadas e explanação sobre a pesquisa em si, sem influenciar nas respostas. Os alunos foram esclarecidos sobre o fato de que não eram obrigados a participar, mas que o convite era extensivo a todos, além disso, foram alertados também que poderiam assinalar mais de uma alternativa, caso achassem necessário, e que não precisariam se identificar. As instruções seguiram com certificação de autorização de participação do aluno por meio de “termo de consentimento” previamente lido pelo pesquisador e assinado pelos participantes, sempre com a presença da professora orientadora.

Na questão 1 (um), “Qual tipo de contato você teve com os contos de fadas na infância?”, os alunos se defrontaram com o questionamento sobre a natureza do seu primeiro

contato com os contos de fadas. A maioria, totalizando 19 (dezenove) respostas, afirmou que esse contato se realizou na escola, assinalando esta como a única opção. Apenas 5 (cinco) alunos assinalaram a afirmativa de que eles mesmos liam os contos ou procuravam outras mídias para fazê-lo. Outros 4 (quatro) marcaram que os pais ou avós liam contos de fadas para eles. Dentre todos, 4 (quatro) marcaram mais de uma alternativa, demonstrando variedade de contato com os textos, resultando no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Qual tipo de contato você teve com os contos de fadas na infância?



Fonte: Própria.

O resultado exemplifica o que já se observa no cotidiano de sala de aula e na sociedade atual, ou seja, o ingresso tardio na leitura, pois os entrevistados tiveram o primeiro contato com os contos de fadas somente na fase escolar, assim não o obtiveram na primeira infância. Diante disso é preciso levar em consideração os aspectos importantes que esse leitor deixou de desenvolver ao longo da infância. Segundo Bettelheim (2002), esse tipo de conto é uma arte que tanto agrada como instrui, pois atinge diretamente as crianças, dando alguma ordem para que elas resolvam seus conflitos internos, sendo uma preliminar necessária para adquirir alguma ligação entre suas percepções e o mundo externo.

Quando questionados sobre a versão de *Chapeuzinho Vermelho*, na questão 2 (dois), “Em relação ao conto CHAPEUZINHO VERMELHO, qual a versão que você conhece?”, os alunos alegaram conhecê-la, em sua maioria, 21 (vinte e um) assinalaram a versão dos irmãos Grimm do conto, outros 3 (três) afirmaram conhecer duas versões clássicas do conto, a dos irmãos e a de Perrault, e 1 (um) assinalou conhecer apenas a versão francesa. Com as respectivas respostas, notou-se o horizonte de expectativas da maior parte dos entrevistados, pois, quando afirmaram conhecer a versão do conto dos irmãos Grimm,

referiram-se àquela em que a figura do caçador soluciona os conflitos do conto, ausente na de Perrault.

Seguindo para a questão 3 (três), “Assinale com qual afirmação a seguir você concorda”, em que foi abordado sobre a importância dos contos de fadas, os alunos responderam quase que em unanimidade, 21 (vinte e um), que os contos de fadas são voltados para todo o tipo de público, 3 (três) apontaram que somente crianças os leem e 1 (um) que esses textos não lhe interessam, pois são narrativas infantis. Assim, apesar de a maioria afirmar que obteve contato com os contos somente na escola, eles têm a consciência de que são voltados para várias faixas etárias.

Quando se perde esse contato na infância, perdem-se experiências que vão fazer falta no desenvolvimento. Como afirma Bettelheim (2002), no capítulo *A vida adivinhada a partir do interior*, as personagens e situações dos contos de fadas refletem e ilustram conflitos internos do ser humano real, sugerindo sutilmente soluções para eles e quais os próximos passos a serem dados na direção de uma humanidade mais elevada.

Em relação a como os alunos se sentiam sobre o tema abordado, nos anos do Ensino Médio em diante, na questão 4 (quatro), “Como você se sente, no Ensino Médio, tratando desse assunto?”, 23 (vinte e três) alunos optaram pela afirmação de que é normal se abordar os contos de fadas, pois contribuem para a formação; apenas 1 (um) se sentiu desconfortável, pois alegou não acreditar na relação desses textos com a realidade e outro aluno se declarou indiferente.

Assim como muitos entrevistados responderam que as histórias de contos de fadas são importantes para a formação humana, Antonio Candido (1972) afirma que o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e desse modo, está pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda, podendo ser chamada de “visão da realidade”. Bettelheim (2002, p. 27) complementa ao pontuar que os contos de fadas reasseguram às crianças que elas podem, eventualmente, levar a melhor sobre os desafios da vida, superando os problemas, simbolizados por personagens e situações alegóricas, pois esse enfrentamento dos problemas são “as poderosas esperanças que nos tornam homens”.

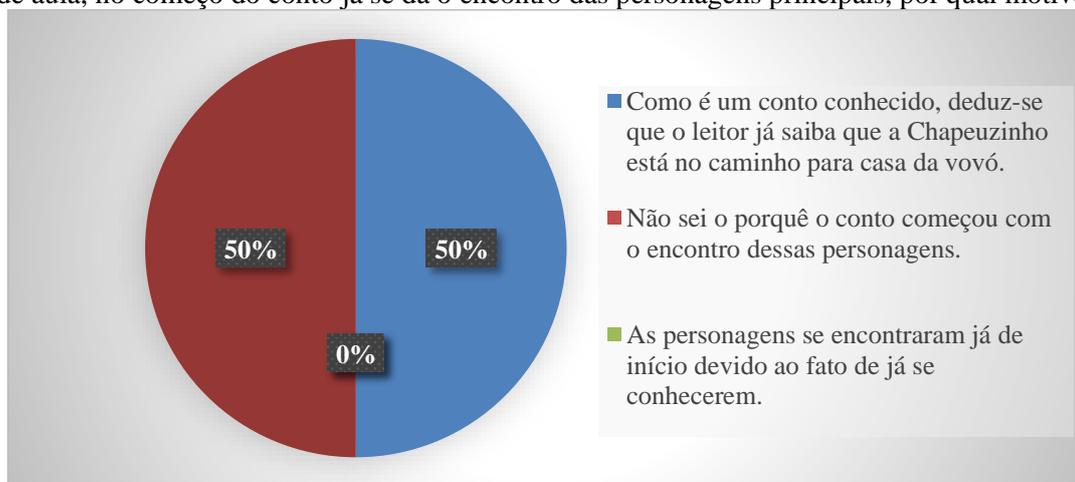
A segunda etapa da pesquisa foi realizada no dia 24 (vinte e quatro) de maio de 2019, com a mesma turma no mesmo local e horário, com a participação novamente de 25 (vinte e cinco) alunos. De início, foi apresentada aos alunos a releitura de Marjolaine Leray

(2012), por meio da projeção das páginas do livro em *slides* e leitura integral do conto. Dessa forma foi possível que todos tivessem o contato tanto com o texto completo quanto com suas ilustrações.

Este caracterizou-se um momento com a intenção de romper as expectativas que os alunos já teriam sobre o conto, pois a releitura, conforme já pontuado, traz um percurso distinto de uma das versões mais conhecidas pelos entrevistados, pois no texto de Leray (2012) Chapeuzinho quem derrota o Lobo ao final da história. Logo após, foi entregue aos alunos outro questionário sem qualquer comentário a respeito da releitura apresentada, de modo a não interferir em suas respostas ou mesmo conduzi-los ao rompimento do horizonte de expectativas.

Na questão 1 (um), a respeito do encontro das personagens principais já no início do conto, os alunos deram respostas que geraram os seguintes resultados:

Gráfico 2: Na versão de Leray (2012) do conto CHAPEUZINHO VERMELHO, que lemos em sala de aula, no começo do conto já se dá o encontro das personagens principais, por qual motivo?



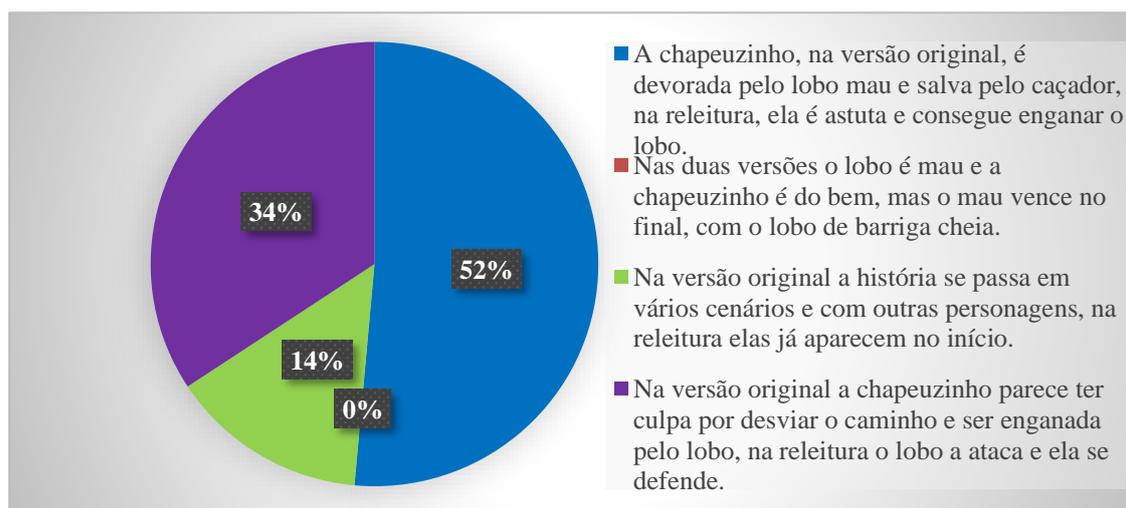
Fonte: Própria.

O gráfico exemplifica que, devido ao fato de todos os entrevistados já conhecerem versões anteriores desse conto, identificaram com tranquilidade que a releitura inicia de forma diferente. Assim mostraram detectar que o fato de o livro se iniciar pelo diálogo entre Chapeuzinho e o Lobo é uma estratégia adotada pela autora, ou seja, expor o conflito logo no início instiga a descoberta de um final que pode parecer o mesmo, mas não é.

Enfim a versão de Leray (2012) é uma espécie de síntese contemporânea do conto da *Chapeuzinho Vermelho*, que parece acompanhar a velocidade de informações, o empoderamento feminino e o ritmo acelerado da vida das pessoas.

Na questão 2 (dois), sobre a comparação das semelhanças entre as versões do conto, os alunos deram respostas que geraram os seguintes resultados:

Gráfico 3: Comparando a versão original que você conhece de CHAPEUZINHO VERMELHO e a sua RELEITURA, apresentada na sala de aula, o que você observa de semelhante e de diferente entre elas?



Fonte: Própria.

Segundo o gráfico, as respostas dos alunos apontaram para a constatação de uma mudança expressiva entre as versões clássicas e a releitura: a Chapeuzinho passa de menina ingênua e vítima de sua desobediência para heroína e solucionadora de seu próprio conflito. Nas versões originais, ela é punida pela sua desobediência e não consegue se salvar (precisa da ajuda do caçador, no caso do registro dos irmãos Grimm). Já na releitura, o encontro dela com o Lobo parece ser premeditado, e não uma surpresa, como nas versões conhecidas, pois Chapeuzinho articula tudo com astúcia e salva-se justamente por isso.

Na questão 3 (três), os alunos foram questionados diretamente sobre o que esperavam sobre um momento da história, tendo a seguinte pergunta, “Quando chapeuzinho ofereceu a bala ao lobo, o que você esperava que acontecesse?”. Em suas respostas, 12 (doze) alunos assinalaram que a intenção da entrega do doce era para formar uma amizade entre as personagens. Mais 3 (três) deles assinalaram que o lobo iria deixar de ter mau hálito. Outros 11 (onze) declararam que esperavam que fosse algo que a menina estava armando para não ser devorada e apenas um aluno revelou que não esperava nada, pois a história não o surpreendeu. As respostas mostram que os participantes tendem a guiar seu horizonte de expectativas para o conhecido final feliz, como na versão dos irmãos Grimm.

Bettelheim (2002) cita que o conto geralmente é apresentado de forma sucinta, informal e que não faz pedidos de conhecimentos externos para sua compressão. Isso evita que até a menor das crianças se sinta forçada a atuar de modo específico ou se sinta inferior. Assim o conto de fadas dá uma segurança de que se pode ter esperança de existir um futuro e oferece sempre a promessa de um final feliz.

Na questão 4 (quatro), questionou-se sobre se o livro de Leray (2012) seria adequado para crianças e deveria ser comercializado na seção de livros infantis. As respostas foram massivas, 21 (vinte e um) alunos concordaram com a afirmativa, por conter uma linguagem simples e não abordar a violência, 2 (dois) concordaram que o conto de fadas era só para crianças e outros 2 (dois) assinalaram que o livro não deveria estar na sessão infantil, por ser destinado ao público adulto.

Na questão 5 (cinco) questionou-se sobre a contribuição do conto de fadas para a formação das pessoas. Tendo a grande maioria 23 (vinte e três) alunos, assinalado que ele contribui principalmente para a formação das crianças, pois, através da fantasia, se aproxima mais da maneira como veem o mundo, 1 (um) assinalou que sim, porque no mundo das fadas tudo é maravilhoso, bonito e belo. Geralmente as coisas dão certo no final, mas não se pode deixar enganar, pois por trás desses seres simbólicos há muita crueldade, matança e canibalismo. 2 (dois) alunos assinalaram que os contos não contribuem para a formação das pessoas por serem apenas histórias, ou seja, não são reais.

Em consonância com as respostas dos entrevistados, Candido (1972) afirma que a literatura pode formar, pois mesmo longe de ser um exemplo da boa conduta moral e cívica, ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela é, com altos e baixos, luzes e sombras. Na mesma perspectiva, Coelho (2003 p. 13) pontua que o homem vive na esfera de tentar reencontrar o sentido da vida, respondendo questões íntimas de sua existência. Assim a magia, os sonhos, o fantástico, os imaginários deixam de ser vistos como pura fantasia, para ser compreendidos como portas que se abrem para verdades humanas ocultas.

Era uma vez um final feliz...

A partir dos pressupostos da Estética da Recepção pôde-se refletir neste estudo sobre a recepção dos contos de fadas. Dessa forma foi possível compreender melhor o enredo

e a simbologia de *Chapeuzinho Vermelho*, desde suas versões clássicas, de Perrault e de Grimm, a uma releitura contemporânea, além de refletir sobre seus amplos significados e sua contribuição humana.

Na versão de Leray (2012), Chapeuzinho não espera por ajuda ou que alguém solucione seus problemas, a personagem simplesmente parte para o enfrentamento do lobo. Ela usa suas referências, o que a vida lhe ensinou até ali; com astúcia surpreende o que o senso comum espera, que o mal devore o fraco e o forte tenha que ajudá-lo; frente ao perigo, a menina não se acanha e revela sua natureza astuta e independente, de quem constrói seu próprio final feliz.

Segundo as respostas dos alunos à questão 3 (três), no segundo questionário, eles detectaram esse novo perfil de heroína, ao pontuarem que esperavam uma amizade entre as personagens e também que fosse algo que a menina tramava para vencer o perigo. Assim mostrando a sua independência da figura da heroína, para conseguir um desfecho positivo, conforme se observa na cena final do conto:

Figura 3: Cena final do livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Leray (2012), em que a menina comemora vencer o Lobo.



Fonte: Leray (2012, p. 35).

A ilustração traz Chapeuzinho no centro da página chamando o lobo de “Tolinho”. Assim encerra-se a narrativa de Leray (2012) e o ciclo de conquista de uma menina aparentemente indefesa, mas que astutamente conquista seu *happy end*. O conto finalizado dessa forma, conforme se observou na pesquisa de campo, rompe com o horizonte de expectativas do leitor, que espera pelo final trágico de Perrault (em que a protagonista morre)

ou pelo *happy end* registrado pelos irmãos Grimm (em que o lobo morre e Chapeuzinho revive, graças à interferência do caçador).

Em vista disso os apontamentos da pesquisa de campo levaram à observação de que os leitores participantes tiveram contato tardio com os contos de fadas, usufruindo, portanto, pouco ou quase nada do papel formador desses textos na infância. Mas revela também que esses mesmos leitores têm a consciência da importância dos contos de fadas no aprendizado da criança, no que diz respeito à solução de problemas da vida adulta.

Com apresentação da versão do conto maravilhoso da autora Leray (2012), rompeu-se o horizonte de expectativas dos alunos, à medida que a autora coloca a personagem Chapeuzinho solucionando os próprios problemas sem ajuda, já que nas versões conhecidas pelos participantes da pesquisa, ou ela acaba morta (como na versão de Perrault), ou é salva pelo caçador (na versão de Grimm). Nesse sentido, considera-se que o objetivo central desta pesquisa foi cumprido, uma vez que visava detectar a recepção do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*, sob a perspectiva da Estética da Recepção, de Jauss (1979) e sua possível ruptura, a partir da releitura *Uma Chapeuzinho Vermelho*, de Marjolaine Leray (2012).

Referências

- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a Formação do Leitor (alternativas metodológicas)*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Dos Princípios e Diretrizes das Políticas Públicas de Juventude*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 20 maio 2019.
- CANDIDO, Antonio. *A Literatura e a Formação do Homem*. Ciência e Cultura. São Paulo, 1972.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas: Símbolo, Mitos e Arquétipos*. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.
- GRIMM. *Chapeuzinho Vermelho*. Disponível em: <https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/capuchinho_vermelho>. Acesso em: 28 out. 2018.

JAUSS, Hans Robert. *A Estética da Recepção: colocações gerais*. Tradução: Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: JAUSS, Hans Robert *et al.* *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Seleção, coordenação e prefácio de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LERAY, Marjolaine. *Uma Chapeuzinho Vermelho*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

PERRAULT, Charles. *O Capuchinho Vermelho*. Tradução Francisco Gentil Vaz da Silva. Disponível em: <http://home.iscte-iul.pt/~fgvs/CV_Perrault.pdf>. Acesso em: 29 out. 2018.